

**Orientação de carreira e evasão universitária: um estudo descritivo com estudantes da
Região do Vale do Paranhana**

Rodrigo Müller Ebling¹

Casiane Maria Adamatti dos Santos²

Leticia Horn Oliveira³

RESUMO

O presente estudo apresenta dados de uma pesquisa de levantamento realizada com 256 estudantes de primeiro ano de graduação de 16 cursos de uma Instituição de Ensino Superior. Os participantes responderam a uma ficha sociodemográfica e a um questionário semiestruturado, cujo objetivo foi investigar experiências prévias com orientação profissional, a satisfação com o curso atual e os possíveis motivos que levariam o aluno à evasão do curso. As análises estatísticas descritivas e inferenciais mostraram que embora o fator financeiro seja o principal indicador que pode levar à evasão, fatores relacionados à indecisão sobre a escolha do curso e insegurança em relação ao mercado de trabalho também se apresentaram como fatores relevantes. Além disso, foi possível identificar baixo ou nenhum acesso prévio dos participantes à um trabalho de orientação profissional.

Palavras-chave: Escolha profissional; Orientação de carreira; Evasão universitária.

**CAREER ORIENTATION AND UNIVERSITY EVASION: A DESCRIPTIVE STUDY
WITH STUDENTS OF THE PARANHANA VALLEY REGION**

ABSTRACT

The present study presents data from a survey conducted with 256 first year undergraduates from 16 courses of a Higher Education Institution. Participants answered a socio-demographic record and a semi-structured questionnaire, whose objective was to investigate previous experiences with professional orientation, satisfaction with the current course and possible reasons that would lead the student to avoid the course. Descriptive and inferential statistical analyzes have shown that although the financial factor is the main indicator that can lead to evasion, factors related to the indecision on course choice and labor market insecurity also appeared as relevant factors. In addition, it was possible to identify low or no previous access of the participants to a professional orientation work.

1 Psicólogo, Faculdades Integradas de Taquara-FACCAT, ✉ roebling@sou.faccat.br

2 Psicóloga, Faculdades Integradas de Taquara-FACCAT, ✉ casianesantos@sou.faccat.br

3 Doutora em Psicologia (PUCRS), Docente do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Taquara-FACCAT, ✉ leticiaoliveira@faccat.br

Keywords: Professional choice; Career orientation; University evasion.

1 INTRODUÇÃO

Durante parte do século XX a psicologia vocacional buscava por leis universais para explicar o comportamento humano, tornando a investigação focada nos traços de personalidade, visando caracterizar tanto as pessoas como as profissões. Porém, tal paradigma passou a se desconstruir ao longo do tempo, devido ao fato de que cada indivíduo interage e se adapta a diversos contextos, construindo a identidade profissional por meio da auto-organização de diversas experiências vivenciadas (Duarte et al., 2009).

A educação, o trabalho e a família, nessa ordem, delineavam as carreiras dos indivíduos no século XX. O reconhecimento social era diretamente ligado a essas variáveis societárias. As abordagens sobre carreira baseavam-se em pressupostos de estabilidade e trajetórias profissionais como uma sequência ordenada de estágios. Ao mesmo tempo, a industrialização, repercutiu no final desse século, na diversificação do trabalho e na multiplicação das profissões. Assim, a partir da entrada no século XXI deparamo-nos com um mercado de trabalho cada vez mais instável e com mudanças contínuas. Frente a este novo cenário da sociedade trabalhista, tornou-se evidente a necessidade de haver um suporte para as pessoas se adaptarem ao novo modelo. Essa nova ordem exige adaptabilidade à mudança e a aceitação da flexibilidade ao invés da estabilidade (Duarte et al., 2009).

Tais reflexões e revisões remetem-nos a um importante momento da vida do indivíduo no contexto de carreira – a escolha profissional – que inicia já na adolescência e é caracterizada por ser a fase da vida humana em que o sujeito constitui sua identidade. É nesse período, que ocorrem constantes transformações, mudanças, adaptações e ajustamentos (Almeida & Pinho, 2008). Para Levenfus (1997) as mudanças que ocorrem na fase da adolescência são aspectos nunca antes experienciados pelo indivíduo, e é nesse processo instável que o adolescente começa a formar sua identidade ocupacional, deparando-se com diversos caminhos e possibilidades que o levarão à escolha profissional.

Almeida e Pinho (2008) afirmam que quando é chegado o momento do adolescente escolher uma profissão, não estão em jogo apenas seus interesses e aptidões, mas também a maneira como ele vê o mundo, de como ele próprio se vê e sua relação com suas vivências do passado. Sendo assim, o jovem precisará levar em conta seus desejos em relação ao futuro

que, por um lado, pode ser visto como incerto e desconhecido e, por outro, como atraente e excitante (Macedo, 2010).

Optar por um projeto de vida vai além de um contexto de empregabilidade, implica no fato de que a indecisão presente no processo de escolha de carreira pode não ser eliminada. Mas, mesmo as situações de incerteza, podem levar o indivíduo a desenvolver uma postura ativa, por meio de novas experiências, quando passa a se testar em diferentes atividades até o momento em que se encontra e expressa o seu autoconceito (Duarte et al., 2009).

Levando em consideração que o desenvolvimento de carreira abrange os significados que os indivíduos atribuem a diversos acontecimentos ocorridos ao longo da vida, pode-se compreender que o contexto envolvido nessa construção ultrapassa os aspectos profissionais, estendendo-se aos demais aspectos da vida do indivíduo. Atrelado a isso, o aconselhamento de carreira visa à implementação de autoconceitos e a compreensão das relações de vida do indivíduo com a carreira profissional (Lassance & Sarriera, 2009).

Ao vislumbrar uma trajetória, o indivíduo depara-se com um caminho desalinhado, com inúmeras alternativas e permeado de incertezas. Portanto, a carreira deve ser pensada como um caminho que está em constante construção. Porém, percebe-se que muitas vezes o sujeito só se incomoda com sua carreira quando se sente desconfortável profissionalmente. Nesse sentido, um processo de orientação de carreira poderia atenuar esse desconforto vivenciado pelo indivíduo (Dutra, 2012).

O gerenciamento de carreira leva o indivíduo a quatro etapas: a) Autoconhecimento; b) Estabelecimento de objetivos de carreira; c) Plano de ação; d) Identificação de oportunidades. O autoconhecimento se trata de uma avaliação clara acerca das qualidades, interesses e potenciais. O estabelecimento de objetivos de carreira consiste na elaboração de um planejamento. O plano de ação é o momento de capacitação e acesso às expectativas, assim como ações necessárias para o alcance dos objetivos. A identificação de oportunidades se refere à ação propriamente dita (Orlickas, 2004).

Vários fatores intervenientes perfazem a escolha de uma profissão e exercem diferentes influências na decisão. Entre esses fatores estão os sociais, econômicos, políticos, educacionais, familiares e emocionais, contemplando um processo multifatorial (Neiva, Silva Miranda & Esteves, 2005). Para que a escolha profissional seja relevante é importante haver o autoconhecimento, bem como do contexto do trabalho em que há o desejo de inserção. Vale destacar que essa escolha é apenas um aspecto de um vasto conjunto de desafios a enfrentar na carreira (Lima & Fraga, 2010).

O processo de aconselhamento de carreira caracteriza a construção de um desenvolvimento contínuo, que possibilitará ao indivíduo a integração dos seus mais amplos contextos de vida. As escolhas profissionais pressupõem a compreensão por parte do indivíduo acerca da importância que deposita nos variados papéis sociais os quais desempenha (Lassance & Sarriera, 2009).

Arelado a isso, sabe-se que o progresso das transformações sociais vem cedendo espaço para interessantes reflexões e debates acerca do espaço social. As universidades são representações concretas desse tema, visto que o modelo de educação constantemente complementa sua atuação por meio da democratização do ensino e, por vias estratégicas, que promovem a integração dos diferentes perfis dos alunos com a universidade. Entretanto, essas práticas ainda parecem insuficientes na medida em que se observam os índices de evasão universitária (Bardagi & Hutz, 2005; Ribeiro, 2005).

Diversos estudantes criam uma alta expectativa sobre a sua formação, associando-a a uma garantia de futuro. Ao ingressar no ensino superior, passam a perceber as dificuldades, tanto socioeconômicas, quanto educacionais, e muitas vezes se deparam com a problemática de que a escolha não se deu de forma consciente. Nesse momento, muitos acabam buscando uma orientação profissional ou até uma reorientação (Garcia, 2000). Nesse sentido, entende-se que isso contribui para o aumento do índice da evasão nas universidades, ou ainda, reflete na formação de profissionais desmotivados.

Evasão universitária

Tanto no ensino superior público, quanto no privado, a evasão representa um dos maiores problemas que assolam as universidades. Indica prejuízos sociais, perda de recursos e de tempo para todos os indivíduos envolvidos no meio do ensino, bem como acarreta consequências negativas à sociedade em geral (Lobo, 2012). Para a mesma autora, mais importante do que a universidade atrair cada vez mais alunos, é mantê-los, promovendo estratégias que evitem a evasão.

Desperdícios acadêmicos, sociais e econômicos também são decorrentes da evasão. Na instituição, acarreta a ociosidade do espaço físico, de funcionários, de professores e de matéria prima. Nas instituições públicas incide ainda em desperdícios dos investimentos do governo, enquanto nas particulares, culmina na redução no recebimento de mensalidade. Já para os estudantes, a evasão pode representar o atraso de um sonho, ou até mesmo o cancelamento, refletindo em possíveis perdas, tais como: crescimento pessoal e profissional,

oportunidades de trabalho e melhoria financeira, entre outras consequências (Silva Filho, Motejunas, Hipólito & Lobo, 2007).

A evasão universitária normalmente está associada a três possibilidades: a) evasão do curso: caracterizada pela saída definitiva do aluno do curso, sem concluí-lo, com a mudança de curso dentro da própria instituição; b) evasão da instituição: desligamento da instituição de ensino, sendo que a mudança de curso pode ocorrer ou não; c) evasão de sistema: abandono por completo do ensino superior (Mercuri & Polydoro, 2004). Vale destacar que fatores que influenciam os alunos a abandonar o curso definitivamente, diferem daqueles que influenciam temporariamente – largar o curso e posteriormente retomar (Stratton et al 2008).

Diversas são as variáveis que influenciam na evasão universitária, sendo que as mais encontradas na literatura e que possuem maior representatividade são: a insatisfatória qualidade da educação básica, despreparo de docentes para o ensino e para mediar turmas com alunos de diferentes realidades, a escolha precoce da profissão, a insatisfação com a rede de relacionamentos sociais dentro da instituição, a falta de programas de aprimoramento curricular e discussão sobre carreira, a dificuldade em conciliar trabalho e estudos, questões financeiras, residir distante da instituição de ensino, limitação das políticas de financiamento estudantil, nível socioeconômico familiar e ser um indivíduo da primeira geração familiar a estar ingressando no ensino superior (Lobo, 2012; Ambiel, Santos & Dalbosco, 2016).

Cabe aqui dar ênfase aos aspectos de evasão que vão ao encontro da presente pesquisa. Percebe-se que a diversidade dos alunos ainda precisa ser trabalhada pelas instituições de ensino superior. É papel da universidade discutir as expectativas dos alunos frente ao curso escolhido, assim como contextualizar o papel e função destes alunos após o ingresso na universidade. Essa demanda exige uma nova estrutura por parte das instituições, e o desenvolvimento de metodologias que visem não apenas o desempenho acadêmico, mas também uma formação integral do estudante, que abranja uma orientação no processo de escolha e acentue a identidade profissional (Silva & Velloso, 1991; Serpa & Santos, 2001).

Partindo de um diferente viés para o estudo da evasão, Walmsley, Wilson e Morgan (2010) investigaram em uma pesquisa com alunos do primeiro ano da graduação, fatores influentes na permanência do estudante no curso. Os resultados apontaram que os motivos capazes de lhes influenciar na permanência foram amigos, familiares e a proximidade com o corpo docente dentro e fora da sala de aula. Além de experiências extracurriculares como intercâmbio, pesquisa e estágios.

Para Oliveira *et al* (2014), os professores além de atuarem no nível teórico-didático, por meio da transmissão do conhecimento, também devem atuar no nível interpessoal, estando abertos ao diálogo e preocupados com a adaptação e formação dos discentes, auxiliando-os na orientação quanto à carreira. Além disso a afetividade e conversas não relacionadas ao curso também podem favorecer a satisfação com a vida universitária, às vistas que a interação professor-aluno de qualidade está relacionada com adaptação acadêmica. Os professores também são vistos pelos alunos como modelos profissionais e provedores de apoio e aconselhamento (Bardagi & Hutz, 2012). Além da motivação, a aprendizagem ativa, práticas colaborativas que superem as tradicionais práticas pedagógicas em sala de aula e o envolvimento em pesquisas científicas, tem sido indicadores relevantes no que tange ao engajamento do estudante no ambiente universitário (Vitória, Casartelli, Rigo & Costa, 2018).

Orientar o estudante universitário na elaboração da sua escolha, com o propósito de torná-la mais coerente e identitária, perfaz uma ação que se relaciona com uma psicologia que visa à promoção da saúde. O bem-estar do aluno pode ser alcançado por meio de estratégias que minimizem as dificuldades encontradas pelos universitários (Bardagi & Hutz, 2005).

As Instituições de Ensino Superior (IES) precisam fomentar as experiências de exploração vocacional e planejamento de carreira, vislumbrando capacitar os alunos para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolvimento de competências, fatores esses, que podem contribuir no manejo de desafios com os quais os estudantes possam se deparar durante a implementação de seus projetos de vida (Monteiro; Gonçalves, 2011). Deste modo, considerando a diversidade dos cursos e os diferentes perfis dos alunos, torna-se essencial disseminar informações e proporcionar espaços para reflexões e debates no contexto de carreira. Na medida em que as IES passarem a ceder espaços para programas com este fim, estarão se aproximando do aluno e proporcionando melhores condições para a adaptação e desenvolvimento deste. Por consequência, reduzindo os índices de evasão e uma repercussão positiva tanto na sociedade, quanto na trajetória individual dos estudantes (Ambiel, Santos & Dalbosco, 2016). Sendo assim, esta pesquisa objetivou investigar experiências prévias dos participantes com orientação profissional, a satisfação com o curso atual e os possíveis motivos que levariam o aluno à evasão do curso.

2 MÉTODO

Este estudo teve como enfoque a pesquisa quantitativa, que busca evidenciar indicadores e tendências em dados observáveis, produzindo medidas confiáveis por meio de verificação sistemática, na busca por explicações causais para os fenômenos estudados (Landim, Lourinho, Lira & Santos, 2006). Seu caráter de levantamento analítico objetivou testar as teorias em campo, explorando associação entre variáveis e, enfatizando a seleção cuidadosa da amostra, para que fosse possível realizarem-se generalizações, sendo viável caracterizar parte de público calouro de estudantes universitários da região (Gray, 2012).

2.1 Participantes

Participaram desta pesquisa um total de 256 (n=256) estudantes de uma Instituição de Ensino Superior (IES) do Vale do Paranhana. Definiu-se como critério de inclusão o fato de o aluno ser estudante do primeiro ou segundo semestre de qualquer curso de graduação ou licenciatura ofertado pela IES, independente da quantidade de disciplinas ou créditos que o mesmo estivesse matriculado.

A partir da ficha sociodemográfica preenchida por cada indivíduo, verificou-se que a idade média dos participantes foi de 23 anos, com desvio padrão igual a 7, destacando-se que o participante mais novo tinha 17 anos e o mais velho 57. Fizeram parte do estudo os alunos dos seguintes cursos de graduação: Administração (7,5%), Ciências Contábeis (6,3%), Design (12,6%), Direito (9,4%) Enfermagem (12,2%), Engenharia de Produção (2,4%), Fisioterapia (11,4%), Gestão de Qualidade (0,4%), História (2,4%), Letras (0,4%), Matemática (0,4%), Pedagogia (4,3%), Psicologia (21,3%), Publicidade e Propaganda (1,6%), Relações Públicas (5,5%) e Sistemas de Informação (2%).

2.2 Instrumentos

Para a coleta de dados, utilizou-se como instrumento de pesquisa uma ficha sociodemográfica, para fins de caracterização da amostra, contendo os seguintes dados: idade, estado civil, escolaridade, escolaridade dos pais, ocupação e composição familiar. Posterior ao preenchimento desta aplicou-se um questionário semiestruturado, contendo duas perguntas fechadas: “*Antes de ingressar no curso superior você teve alguma experiência com Orientação para Escolha Profissional?*” e “*Você está contente com o curso superior que está cursando?*”, e três questões abertas, as quais buscaram investigar experiências prévias dos

estudantes com Orientação Profissional, questionando como se deram tais experiências para aqueles que já tiveram contato com o processo e ainda instigando o participante a dissertar sobre sua satisfação ou insatisfação para com o seu curso superior, bem como seus motivos manifestos à possibilidade de evasão do curso.

De acordo com Manzini (2003), a coleta de dados a partir de um questionário semiestruturado permite a obtenção de informações por meio de um roteiro com perguntas que atinjam os objetivos pretendidos. O roteiro serve, então, além de coletar informações básicas, como um meio para o pesquisador acessar aos conteúdos distintos de cada respondente, sem categorizar previamente suas respostas.

2.3 Procedimento de coleta de dados

A fim de respeitar as exigências éticas expressas na Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), a qual regulamenta pesquisas com seres humanos, este projeto foi submetido para análise por meio da Plataforma Brasil, tendo sido aprovado sob nº CAEE 76933817.2.0000.8135. Feito isso, realizou-se um levantamento junto à IES para que fosse possível mapear as disciplinas dos cursos onde se encontravam a maior quantidade de alunos do primeiro e segundo semestre. Após, agendou-se junto a cada professor das disciplinas elencadas o melhor dia e horário para aplicação dos instrumentos mencionados anteriormente.

A realização da coleta de dados aconteceu no segundo semestre de 2017, durante os meses de outubro e novembro, seguindo os seguintes passos: 1) entrega, leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); 2) preenchimento da ficha sociodemográfica; 3) Aplicação do questionário semiestruturado. O tempo médio para a aplicação dos instrumentos foi de 20 a 30 minutos.

2.4 Procedimento para a análise dos dados

O procedimento de análise de dados foi realizado através de análise estatística descritiva e inferencial, por meio de tratamento dos dados no *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 17. De acordo com Gray (2012), as estatísticas descritivas são utilizadas para descrever ou resumir um conjunto de dados, enquanto as inferenciais são usadas para fazer inferências a partir da amostra escolhida para uma população mais ampla, assim sendo, com base nos dados coletados na amostra $n=256$, realizaram-se interpretações cujos resultados foram ampliados para população de estudo.

Apresentam-se a seguir os resultados obtidos nesse processo, bem como a discussão realizada pelos pesquisados a partir dos dados coletados.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Vivemos em um país ancorado por uma diversidade social imensurável, onde cada região possui seus aspectos culturais locais e, dentro de cada região geográfica, uma infinidade de particularidades podem ser identificadas do interior aos grandes centros urbanos. O presente estudo, como já supracitado, foi realizado em uma IES da Região do Vale do Paranhana/RS, localidade caracterizada por um perfil de estudantes que costuma conciliar a vida profissional com a universitária. De acordo com Matos e Chaves (2010), a rotina laboral concomitante à graduação pode representar um alargamento na constituição de relações e um período marcado por profundas alterações nos comportamentos, nos papéis sociais, nas relações interpessoais, familiares e com grupo de pares. Identificou-se que, da amostra total investigada, 81,6% dos participantes informaram estar trabalhando no período de aplicação do questionário, o que representa uma parcela significativa do estudo e, caracteriza ser uma das realidades do perfil de aluno da instituição.

Zago (2006) evidenciou em seus estudos que não há uma relação direta entre as características socioculturais da família e o ingresso no ensino superior, entretanto, dados interessantes sobre o histórico escolar familiar foram extraídos a partir da ficha sociodemográfica realizada nesta investigação (Tabela 1). Pode-se perceber que a grande maioria das famílias dos entrevistados são compostas por pais que não tiveram nem o ensino fundamental completo, e que menos de 10% desses ingressaram no ensino superior.

Tabela 1. Nível de escolaridade dos pais dos participantes

<i>Nível de Escolaridade</i>	<i>Mãe (%)</i>	<i>Pai (%)</i>
Ensino Fundamental Incompleto	41,6%	49,6%
Ensino Fundamental Completo	9,8%	8,9%
Ensino Médio Incompleto	11,4%	12,5%
Ensino Médio Completo	24,7%	21,8%
Graduação	9,4%	6,9%
Pós-graduação	3,1%	0,4%

Estudos realizados por Sparta e Gomes (2005) e Zago (2006) afirmam que filhos de mães e pais com ensino superior demonstram maior interesse em realizar vestibular, enquanto

filhos de mães e pais com ensino fundamental apresentam maior tendência a buscar ingresso imediato no mercado de trabalho. Há forte influência de indicadores relacionados à origem social e passado escolar dos estudantes no ingresso ao ensino superior (Zago, 2006). A efetivação de uma entrevista com os participantes proporcionaria informações relevantes sobre as motivações que os mesmos tiveram para ingressar na graduação, considerando o nível de instrução dos pais.

Dentre os demais dados levantados pela ficha sociodemográfica, foi possível identificar que 79,8% dos participantes são solteiros e 82,7% informaram que não têm filhos. Esses dados nos fazem refletir sobre as opções e condições de disponibilidade de cada indivíduo para dedicar-se aos estudos.

Levando em consideração que determinadas IES possuem a oferta de cursos apenas no período noturno, Cardoso e Bzuneck (2004) afirmam que um dos motivos incentivadores pela procura por estudar em tal período, está relacionado ao fato do estudante ter a possibilidade de conciliar trabalho, vida pessoal e estudos. No entanto, os benefícios proporcionados pela opção do curso noturno andam ao lado das dificuldades que os estudantes podem enfrentar: tempo reduzido com a família, poucas horas de sono, o cansaço ocasionado pela dupla jornada e um nível elevado de estresse.

Adentrando-se em tal temática, torna-se inevitável não falar de educação para carreira, quando 78% dos respondentes alegaram nunca ter tido experiências anteriores com orientação profissional. Entre os 22% de alunos que mencionaram já ter tido experiência prévia com tal abordagem, são citadas as seguintes práticas como constituintes das experiências: teste vocacional no ensino médio, teste vocacional na faculdade/universidade, contato com profissionais da área de interesse, testagem via internet, orientação de familiares por meio de conversa e, apenas 02 participantes (1,2%) informaram ter realizado processo de orientação profissional com psicólogo. Esse último dado permite-nos criar duas hipóteses: 1) os indivíduos não têm acesso, ou interesse em acessar, profissionais que trabalhem com orientação profissional e 2) as escolas e IES não ofertam aos alunos atividades sobre orientação profissional e de carreira. As instituições devem facilitar as experiências de exploração e investimento vocacional, capacitando os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida, desenvolvimento de competências e adaptabilidade (Monteiro & Gonçalves, 2011).

Do total de entrevistados, 89,8% dos participantes da pesquisa afirmaram estar cursando seu primeiro curso superior, 7,8% evadiram de seu primeiro curso e estavam

cursando uma segunda opção universitária e, 0,8% estavam na terceira tentativa pela busca do curso de identificação. Conforme mencionado anteriormente, mais importante do que a universidade atrair cada vez mais alunos, é mantê-los, promovendo estratégias que evitem a evasão (Lobo, 2012).

Uvaldo *et al* (2012) afirmam que raramente as atividades de orientação profissional e de carreira integram o plano pedagógico das IES. Na maioria das vezes são assistemáticas, de caráter optativo e isoladas das demais atividades previstas no currículo, o que, por vezes, caracteriza um desinteresse das instituições educacionais em fomentar esse processo. De acordo com Faleiros (2014) as atividades que poderiam levar à progressão da orientação profissional e de carreira no Brasil ainda são encaradas superficialmente pelo sistema educacional, embora haja fortes evidências da importância de sua implantação.

Objetivando testar a premissa de que alunos que não tiveram contato com nenhum tipo de prática de educação para carreira anterior a entrada no curso superior apresentam maiores indicadores para futura evasão, foi realizado um teste de X^2 de independência. Compararam-se as seguintes variáveis categóricas: “Experiência anterior com Orientação Profissional” e “Satisfação com o curso atual”. Um X^2 de 0,068 foi encontrado, associado a uma probabilidade $p=0,794$, o que indica que tais variáveis não apresentam significância estatística.

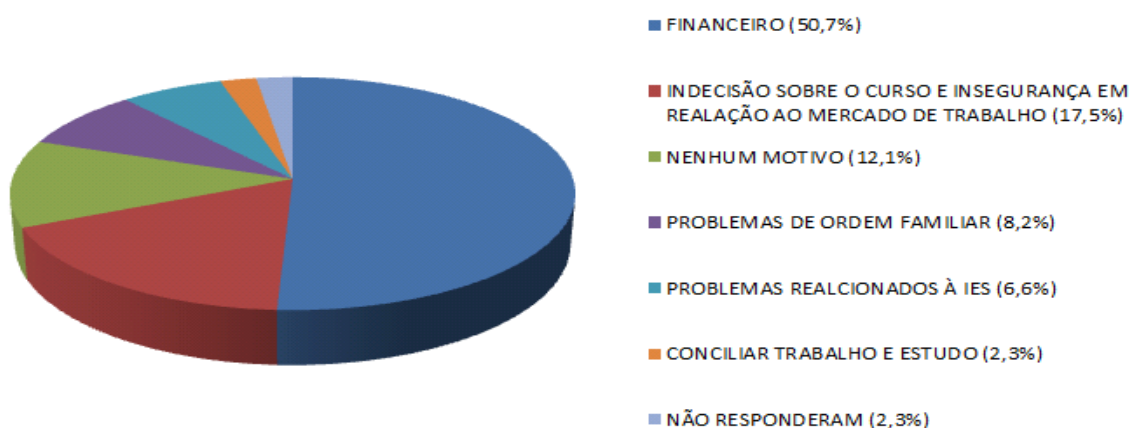
Dentre aqueles que já passaram por alguma experiência prévia com orientação profissional, 94,6% dizem estar satisfeitos com o seu curso e 5,4% dizem não estar. Essa proporção, em participantes que não tiveram acesso com Orientação Profissional anterior ao início do curso de graduação foi de 95,5% para os satisfeitos e 4,5% para os insatisfeitos. Mediante aos resultados, é possível notar que tanto os estudantes que tiveram experiências prévias com *orientação profissional*, como os que não tiveram, de modo geral, apresentaram-se satisfeitos com a escolha do curso. Levando em consideração que todos os participantes são alunos do primeiro ano de graduação, é possível presumir que não necessariamente a *orientação profissional* não possui impacto, mas também, deve-se levar o fator da fase do curso em consideração.

Segundo Bardagi (2007), o estudante passa por quatro fases quando ingressa na graduação: fase do entusiasmo; da decepção com o curso; da reconquista e da expectativa da formatura. A primeira fase refere-se ao entusiasmo por ter passado no processo seletivo, por ingressar na universidade e a expectativa com o início da formação. A segunda fase marca a decepção com o curso, com corpo docente, com a IES, com os métodos de aprendizagem, e

preocupações acerca de uma possível re-escolha profissional. A terceira fase é caracterizada pelo retorno do interesse na continuidade do curso, onde engajamento em atividades acadêmicas é essencial para a satisfação e o comprometimento. E a quarta fase caracteriza-se pela proximidade do término do curso, quando a qualidade das atividades exercidas e a avaliação da formação geram expectativas quanto à atuação profissional. Portanto, o fato dos participantes desse estudo estarem na primeira fase da graduação – entusiasmo –, pode ter influenciado o grande índice de respostas positivas acerca da satisfação do curso.

Discorridos os dados sociodemográficos e explanadas as experiências com orientação profissional, cabe agora, apresentar os resultados obtidos em relação aos motivos citados pelos estudantes como preditores de uma possível evasão (Gráfico 1). Conforme Dias, Theóphilo e Lopes (2009), os diversos fatores associados à evasão são habitualmente apontados como internos – decorrentes da insatisfação com aspectos que cabem a IES – e externos – oriundos da própria escolha do curso e outras dificuldades e descontentamentos.

Gráfico 1. Motivos que levariam os estudantes a evasão do curso



A realidade representada pelo gráfico associa-se aos principais achados na literatura acerca das causas da evasão universitária: 50,7% dos respondentes mencionaram que o fator financeiro seria o principal motivo para uma possível evasão. Nota-se que, embora as políticas públicas venham implementando e ampliando cada vez mais os programas de democratização do acesso ao ensino superior (Carmo, Chagas, Filho & Rocha, 2014) os motivos socioeconômicos ainda são os que mais resultam na evasão universitária. De modo geral, as IES julgam a dificuldade de conciliar trabalho e estudo como um aspecto que impacta financeiramente, pois muitos estudantes optam pelo trabalho, visto que é o que lhes provém a sobrevivência (MEC/INEP, 2009).

Na sequência, observa-se que motivos atrelados à indecisão sobre o curso e insegurança em relação ao mercado de trabalho representam 17,5% das respostas. Ingressar em um curso superior sem conhecer a profissão propriamente dita, pode acarretar ao desestímulo, na medida em que se percebe que a futura carreira não permitirá a satisfação pessoal inicialmente fantasiada. Diante disso, a orientação profissional, desde o período do ensino médio, ajuda a evitar vivências deste caráter (Lisboa, 2002). Não raramente, alunos se matriculam no ensino superior com idade bastante precoce, logo, os índices de evasão decorrentes de escolhas de carreira imaturas se alargam. Muitas vezes, as decisões são tomadas com base em informações insuficientes acerca do curso, frequentemente distorcidas e idealizadas (Levenfus & Nunes, 2002).

Cunha et al (2014) destacam em sua pesquisa, sobre razões e influências para a evasão universitária, que a maioria dos estudantes que participaram do estudo (67%) apontaram suas escolhas de curso realizadas com ausência de influências externas (família, amigos ou orientação especializada). Para os autores, trata-se de um dado relevante às IES, pois está relacionado com a possibilidade de evasão, tendo em vista que como os alunos não tiveram a contribuição de nenhum terceiro para a escolha, podem não ter tido a oportunidade de reflexão se, de fato, o curso estaria relacionado com suas habilidades e preferências.

Percebe-se que a insatisfação com questões relacionadas à IES (6,6%) representa um percentual semelhante aos motivos relacionados a problemas familiares (8,2%). Tais dados fazem-nos refletir acerca da relevante interferência que as IES e aspectos englobados (coordenação do curso e corpo docente) possuem sobre a decisão do aluno que evade, uma vez que estes apontam tais fatores quase tão significantes quanto aos de ordem familiar (doença/morte/permanecer longe da família).

Os resultados a respeito dos fatores internos fomentam a necessidade de medidas preventivas com vistas à diminuição dos indicadores de evasão. Dias et al (2009) sugerem que as escolas de ensino médio devam proporcionar aos seus estudantes a orientação profissional, enquanto as IES, além de almejar o desenvolvimento acadêmico, devem colocar em prática também a assistência socioeducacional, entendida como um agrupamento de projetos que promovam a integração aluno-universidade e a sua subsistência nela.

Para Esbrogeio e Melo-Silva (2012) a orientação profissional além de preconizar pelo autoconhecimento, também busca levar ao orientando a “informação profissional” que serve para alargar o conhecimento acerca das profissões, esclarecer possíveis distorções e idealizações, além de oferecer estratégias que aproximam os indivíduos das oportunidades e

limitações presentes no mundo do trabalho. A busca por uma trajetória profissional exitosa, faz com que o indivíduo invista em diversos recursos, porém, muitas vezes, sem estabelecer uma reflexão crítica acerca da própria escolha de carreira (Lima-Dias; Soares, 2012). As escolhas profissionais conscientes permitem que o sujeito compreenda a importância dada a cada papel social que desempenha. Tendo em vista a sociedade de incertezas a qual se vive atualmente, o psicólogo orientador tem o papel de transcender para o contexto educacional uma perspectiva realista do mundo atual e empoderar os indivíduos para a integração de um desenvolvimento pessoal e social (Teixeira, 2008).

Dias et al (2009) propõem que a coordenação do curso – especialmente nos primeiros semestres – precisa atentar-se a intitular professores empáticos com os alunos, aspirando a sua integração no curso. Além disso, acompanhar a periodicidade e o desempenho dos acadêmicos, auxiliando-os nos contratempos relacionados ao curso, criar projetos que envolvam os alunos com a comunidade e revisar constantemente a estrutura curricular, buscando a correlação entre disciplinas teóricas e práticas (Dias et al., 2009). Já no que tange ao corpo docente, os professores precisam fortalecer as práticas metodológicas de qualidade para que motivem o aluno e permitam que esse possa se autodesenvolver, e, a partir dessa interação com colegas e professores, estabeleça um vínculo e sentimento de pertença para com a instituição (Bardagi, 2007).

Para Rocha (2010), necessita-se de uma flexibilidade curricular que permita o fazer da educação para a carreira. Além de uma organização das disciplinas, necessita-se um planejamento que atente-se à trajetória do estudante, tendo em vista que o indivíduo precisa estar em constante aproximação com o seus ideais, para que a vida tenha significado e faça sentido para o sujeito.

Embora a prática de conciliar trabalho e estudo esteja presente na realidade da maioria dos estudantes desta pesquisa, entende-se que nem sempre o indivíduo consegue levar adiante tal rotina, visto isso pelo fato de 2,3% dos respondentes apontarem este fator como um possível motivo para o abandono do curso. Apesar de tratar-se de uma representação percentual pouco expressiva, não se considera insignificante, tendo em vista que a dupla jornada, como já mencionado, pode culminar em interferências psicológicas e fisiológicas (Cardoso & Bzuneck, 2004). Diante disso, presume-se que ao chegar a tal exaustão, o estudante não estará apenas evadindo do curso ou da instituição, mas também do ensino superior.

Vale ressaltar que a aplicação da pesquisa com alunos do primeiro ano de graduação condiz com dados encontrados na literatura, que evidenciam maiores índices de evasão nos anos iniciais em relação aos demais períodos da graduação (Dias *et al.*, 2009). Raramente encontram-se IES brasileiras que possuam medidas institucionais profissionalizadas de prevenção e combate à evasão. Essa carência de projetos que dão suporte ao aluno pode refletir na não permanência deste na universidade (Silva Filho *et al.*, 2007). Quanto maior a permanência no curso, menores são os índices de evasão, sendo que a partir do sexto semestre, ocorrências de abandono do curso tornam-se menos prováveis (Dias *et al.*, 2009).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar os possíveis motivos de evasão universitária de alunos do primeiro e segundo semestre, dos cursos de graduação de uma Instituição de Ensino Superior da região do Vale do Paranhana/RS, bem como verificar a satisfação dos mesmos com o curso e as experiências prévias deste público com intervenções em orientação profissional e de carreira. Verificou-se que, embora o fator financeiro seja o principal indicador de evasão, fatores relacionados à indecisão sobre a escolha do curso e insegurança em relação ao mercado de trabalho também foram citados. Além disso, identificou-se baixo acesso dos participantes às práticas de orientação profissional pré e pós-ingresso universitário.

Sugere-se, portanto, para a realização de futuras pesquisas, que sejam investigados quais fatores ou variáveis que podem levar ao maior engajamento e permanência do estudante universitário. Também, verificar os fatores que motivaram alunos evadidos a trocar de curso dentro da própria IES.

Acredita-se que, na medida em que as instituições passarem a ceder espaços para trabalhos relacionados à orientação profissional e de carreira, estarão se aproximando dos alunos e proporcionando melhores condições para a adaptação e desenvolvimento destes, reduzindo, por consequência, os índices de evasão. Fomentar intervenções no âmbito de educação para carreira tende a prosperar os resultados acadêmicos dos alunos, elevar o nível de satisfação dos mesmos com as rotinas e práticas institucionais, aproximar o futuro profissional formado do mercado de trabalho e dos instrumentos de trabalho e, acima de tudo, proporcionar perspectivas de uma escolha consciente e coerente aos objetivos de vida de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. E. G. G., & Pinho, L. V. (2008) Adolescência, família e escolhas: Implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*, 20 (2), 173-184.
- Ambiel, R. A. M. (2014). Adaptabilidade de carreira: uma abordagem histórica de conceitos, modelos e teorias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 15-24.
- Ambiel, R. A. M., Santos, A. A. A. & Dalbosco, S. N. P. (2016). Motivos para evasão, vivências acadêmicas e adaptabilidade de carreira em universitários. *Psico*, 47(4), 288-297.
- Bardagi, M. P. & Hutz, C. S. (2005). Evasão universitária e serviços de apoio ao estudante: uma breve revisão da literatura brasileira. *Psicologia Revista*, 14(2), 279-301.
- Bardagi, M. P. (2007). *Evasão e comportamento vocacional de universitários: estudos sobre o desenvolvimento de carreira na graduação*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Bardagi, M. P., & Hutz, C. S. (2012). Rotina acadêmica e relação com colegas e professores: impacto na evasão universitária. *Psico*, 43(2), 174-184.
- Cardoso, L. R. & Bzuneck, J. A. (2004) Motivação no ensino superior: metas de realização e estratégias de aprendizagem. *Psicologia Escolar e Educacional*, 8(2), 145-155.
- Carmo, E. F., Chagas, J. A. S., Filho, D. B. F. & Rocha, E. C. (2014). Políticas públicas de democratização do acesso ao ensino superior e estrutura básica de formação no ensino médio regular. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 95 (240), 304-327.
- Cunha, J. V. A., Nascimento, E. M., e Durso, S. O. (2014). Razões e influências para a evasão universitária: um estudo com estudantes ingressantes nos cursos de Ciências Contábeis de instituições públicas federais da Região Sudeste. *Anais do Congresso USP de Controladoria e Contabilidade*. São Paulo, SP, Brasil, 14.
- Dias, M. S. L.; Soares, D. H. P. (2012). A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. *Psicol. Cienc. Prof.*, 32(2), 272-283.
- Dias, E. C. M., Theóphilo, C. R. & Lopes, M. A. S. Evasão no ensino superior: estudo dos fatores causadores da evasão no curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes/MG. *Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade*. 2009.

- Duarte, M. E., Lassance, M. C., Savickas, M. L., Nota, L.; Rossier, J., Dauwalder, J., Guichard, J., Soresi, S., Van esbroeck, R. & Vianen, A. (2009). A Construção da Vida: Um Novo Paradigma para Entender a Carreira no Século XXI. *Revista Interamericana de Psicologia*, 44(2), 392-406.
- Dutra, J. S. (2012). *Gestão de Pessoas: Modelo, Processos, Tendências e Perspectivas*. São Paulo: Atlas.
- Esbrogeo, M. C.; Melo-Silva, L. L. (2012). Informação profissional e orientação para a carreira mediadas por computador: uma revisão da literatura. *Psicologia USP*. São Paulo, 23 (1), 133-155.
- Faleiros, N. P. (2014). Educação para a carreira no cotidiano da escola pública: proposta de modelo interventivo para a grade curricular. *Tese de Doutorado*, Programa de Doutorado em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, RS.
- Garcia, M. P. B. (2000). Reorientação profissional em grupo: planejamento por encontro. In: Lisboa, M. D.; Soares, D. H. P. (Orgs.). *Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores*. São Paulo: Summus.
- Gray, D. E. (2012). Perspectivas teóricas e metodologias de pesquisa. In: Gray, D. E. *Pesquisa no mundo real*. Porto Alegre: Penso.
- Landim, L. F. P., Lourinho, L. A., Lira, R. C. M., & Santos, Z. M. S. A. (2006) Uma reflexão sobre as abordagens em pesquisa com ênfase na integração qualitativo-quantitativa. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, 19 (1), 53-58.
- Lassance, M. C. & Sarriera, J. C. (2009). Carreira e saliência dos papéis: integrando o desenvolvimento pessoal e profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10 (2), 15-3, 2009.
- Levenfus, R. S. (1997). *Psicodinâmica da escolha profissional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Levenfus, R. S. & Nunes, M. L. T. (2002). Principais Temas Abordados por Jovens Centrados na Escolha Profissional. In: Levenfus, R. S.; Soares, D. H. P. (Orgs.). *Orientação Vocacional Ocupacional*. Porto Alegre: Artmed.
- Lima-Dias, M. S.; Soares, D. H. P. (2012). Planejamento de Carreira: Uma orientação para universitários. *Psicol. Argum*, 30 (68), 53-61.
- Lima, R. & Fraga, S. (2010). Intervir para ajudar e ajudar para construir: um modelo de intervenção psicológica com estudantes do ensino superior. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11 (2), 269-277.

- Lisboa, M. D. (2002). Orientação Profissional e Mundo do Trabalho: Reflexões sobre uma Nova Proposta Frente a um Novo Cenário. *In: Levenfus, R. S.; Soares, D. H. P. (Orgs.). Orientação Vocacional Ocupacional*. Porto Alegre: Artmed.
- Lobo, M. B. C. M. (2012). Panorama da evasão no ensino superior brasileiro: aspectos gerais das causas e soluções. *ABMES Cadernos*, 25, 9-58.
- Macedo, M. M. K. (2010). *Adolescência e psicanálise: Intersecções possíveis*. 2 Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Manzini, E. J. (2003). Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. *In: Marquezine, M. C.; Almeida, M. A.; Omote, S. (Orgs.). Colóquios Sobre Pesquisa em Educação Especial*. Londrina: Eduel.
- Matos, E., Chaves, A. M. (2010) Trabalho e Escola: É Possível Conciliar? A Perspectiva de Jovens Aprendizes Baianos. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 30 (3), 540-555.
- MEC/INEP. *Resumo Técnico: Censo da Educação Superior 2007*. Brasília-DF. 2009. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br>> Acesso em: 19 abr. 2018.
- Mercuri, E.& Polydoro, S. A. J. (2004) O compromisso com o curso no processo de permanência/evasão no ensino superior: algumas contribuições. *In: Mercuri, E.; Polydoro, S. A. J. (Orgs.). Estudante universitário: características e experiências da formação*. Taubaté: Cabral Editora Universitária.
- Monteiro, A. M.& Gonçalves, C. M. (2011). Desenvolvimento vocacional no ensino superior: Satisfação com a formação e desempenho acadêmico. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 12(1), 15-27.
- Neiva, K. M. C., Silva, M. B.& Miranda, V. R.; Esteves, C. (2005).Um estudo sobre a maturidade para a escolha profissional de alunos do ensino médio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(1), 1-14.
- Oliveira, C. T., Wiles, J. M., Pascale Chechi Fiorin, P. C. & Dias, A. C. G. (2014). Percepções de estudantes universitários sobre a relação professor-aluno. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. 12 (2), 239-246.
- Orlickas, E. (2004). *Consultoria Interna de Recursos Humanos: Pesquisa e benchmarking em empresas de ponta*. São Paulo: Futura.
- Ribeiro, A. M. (2005). O projeto profissional familiar como determinante da evasão universitária - Um estudo preliminar. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(2), 55-70.

- Rocha, M. C. S. Projeto de carreira, plano de vida: passos para um gerenciamento de vida profissional e pessoal. (2010). In: Levenfus, R. S.; Soares, D. H. P. e col. *Orientação Vocacional Ocupacional*. Porto Alegre: Artmed, 2. ed., 82-91.
- Serpa, M. N. F. & Santos, A. A. A. (2001). Atuação no ensino superior: um novo campo para o psicólogo escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 5(1), 27-35.
- Silva, A. C. & Velloso, J. R. (1997). *Universidade pública: política, desempenho, perspectivas*. Campinas: Papyrus.
- Silva filho, R. L. L., Motejunas, P. R., Hipólito, O. & Lobo, M. B. C. M. (2007). A evasão no ensino superior brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 641-659.
- Sparta, M. & Gomes, W. B. (2005). Importância Atribuída ao Ingresso na Educação Superior por Alunos do Ensino Médio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(2), 45-53.
- Stratton, L. S.; O'toole, D. M. e Wetzel, J. N. (2008). A multinomial logit model of college stopout and dropout behavior. *Economics of Education Review*, 27(3), 319-331.
- Teixeira, M. O. (2008). A abordagem sócio-cognitiva no aconselhamento vocacional: Uma reflexão sobre a evolução dos conceitos e da prática da orientação. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9(2), 9-16.
- Vitória, M. I. C., Casartelli, A., Rigo, R. M. & Costa, P. T. (2018) Engajamento acadêmico: desafios para a permanência do estudante na Educação Superior. *Educação*, 41(2), 262-269 doi.org/10.15448/1981-2582.2018.2.27960
- Uvaldo, M. C. C.; SILVA, F. F. (2001). Orientação profissional: Uma experiência na escola. *Labor: Revista do Laboratório de Estudos sobre Trabalho e Orientação Profissional*, 76-84.
- Walmsley, A.; Wilson, T. e Morgan, C. (2010). Influences on a College Student's Major: A Developmental Perspective. *Journal for the Liberal Arts and Sciences*, 14(2), 25-46.
- Zago, N. (2006). Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, 11(32), 226-237.

Artigo recebido em: 10/03/2019

Aprovação final em: 29/06/2019